

A EXPRESSÃO DA PEJORATIVIDADE

Antonio José Sandmann
Universidade Federal do Paraná

RESUMO

Há muitas formas de expressar o despreço, pela língua: com palavras de denotação pejorativa (*sem-vergonha*), atribuindo ao homem nomes de animais (*porco*, *cavalo*) ou partes do corpo animal (*pata*, *crina*) e com ironia, etc. Aqui vai ocupar-nos, no entanto, a expressão da pejoratividade por meio de sufixos (*economicismo*, *breguice*, *falcatruento*) e cruzamentos vocabulares (*pescópia*, de *pesquisa* e *cópia*, *democradura*, de *democracia* e *dítadura*).

1 INTRODUÇÃO

Qualquer exame mais detido do tema contido no título acima nos mostrará que há muitas formas de expressar a pejoratividade ou o despreço. Assim, a denotação de uma unidade lexical pode ser depreciativa: *covarde*, *cê-dê-efe*, *sem-vergonha*. O dirigir-se ao ser humano usando nomes de animais é, normalmente, manifestação de despreço: *porco*, *burro*. O mesmo se dirá do uso dos nomes de partes ou membros do corpo animal para designar partes ou membros análogos do corpo humano: *juba* ou *crina* para os cabelos da cabeça, ou *patas* para as mãos. A ironia é forma de expressar menosprezo: *Que bonitinho!*, p. ex., é depreciativo, quando endereçado a um ser humano adulto do qual não nos agrada um comportamento ou traço físico.

Mas não são essas ou outras modalidades de expressão da pejoratividade que nos vão ocupar aqui. Vai ocupar-nos, isto sim, a utilização de recursos morfológicos para a expressão do menoscabo. Interessa-nos a expressão do despreço por meio de afixos, especificamente os sufixos, e, à margem, por meio de cruzamentos vocabulares. Está-se, portanto, dentro do campo da formação de palavras, da morfologia lexical.

2 OS SUFIXOS E A PEJORATIVIDADE

Uma questão que nos deve ocupar inicialmente é o como é expressa a pejoratividade, por meio de palavras complexas, mais especificamente, se ela é expressa pelo sufixo, pela base, por ambos simultaneamente ou, ainda, se a expressão do desapareço por uma unidade lexical complexa depende de fatores culturais ou contextuais. Exemplificando: o que faz com que **assistencialismo** (SANDMANN'89, p. 42) * tenha uma leitura preferencialmente depreciativa, isto é, que indique 'excesso de assistência prestada pelo Estado ao cidadão'? **Assistência** e **assistencial** não têm, isoladamente, sentido negativo, e **-ismo** continua se prestando ainda hoje à formação de termos técnicos, isto é, de palavras emocionalmente neutras: **pedetismo** (Folha, 5-7-89, A-2) ** **ulyssismo** (Folha, 19-10-89, A-5), **comunitarismo** (SANDMANN'89, p. 43). Concluímos que são fatores culturais que privilegiam a leitura de **assistencialismo** como de uma palavra complexa carregada de mensagem depreciativa. O mesmo se dirá de **cientificismo** e **tecnicismo** 'valorização excessiva da ciência ou da técnica', respectivamente. Em **marajáismo** (Folha, 14-11-88, A-2) a situação é diversa. **Marajá**, no sentido de 'funcionário que percebe régios salários' tem, hoje, no Brasil, sentido negativo. Nessa formação a base entra, portanto, com sua semântica negativa e o todo só pode, parece-me, ter leitura depreciativa. Esse parece ser, aliás, fenômeno geral, a saber, derivado de base de leitura negativa guarda essa negatividade: **picaretagem**, **puxa-saquismo**, **sarnear** 'omportunar', expressão ouvida de falante do Oeste do Paraná derivada de **sarna** 'pessoa maçante'. Diversa é a situação em **breguice** (Folha, 28-12-88, A-2). Além do adjetivo **brega** 'de mau gosto', **-ice** tem hoje leitura preferencialmente negativa, sendo que o todo só pode ter leitura depreciativa. Conforme mostra o resultado de teste aplicado a 22 alunos do segundo ano do Curso de Letras da Universidade Federal do Paraná (SANDMANN'88, p. 104ss); *** **-ice** sofre hoje a restrição de só se unir normalmente a bases negativas. Fato análogo pode ser observado com **-ento** (falcatruento) e, em parte, com **-udo** (narigudo), também testados em SANDMANN'88, p. 101ss., e p. 108ss. Concluindo, pode-se dizer, como se verá mais exaustivamente no capítulo seguinte, que palavras complexas pejorativas po-

* SANDMANN, A.J. Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo. Curitiba: Scientia et Labor, 1989.

** FOLHA DE SÃO PAULO.

*** SANDMANN, A.J. Competência lexical: produtividade, restrições e bloqueio. Curitiba, 1988. Tese de concurso para Professor Titular, Universidade Federal do Paraná.

dem ser formadas unindo bases e sufixos neutros, unindo bases negativas com sufixos neutros e bases negativas com sufixos também negativos, sendo que no primeiro caso a pejoratividade está na dependência de fatores culturais ou contextuais.

Para visão mais clara do assunto a ser estudado, dividiremos os sufixos segundo sua função de formar adjetivos ou substantivos, trazendo exemplos do *Aurélio*,* de FROTA, de nossas pesquisas e observações e, quando disponíveis, do Projeto NURC.**

3 SUFIXOS PEJORATIVOS

3.1 ADJETIVOS PEJORATIVOS

3.1.1 -ão'

O *Aurélio* registra três verbetes -ão; -ão¹, o que indica o 'aumentativo' de substantivos (*facão*) e de adjetivos (*bonitão*); -ão², com a função de expressar 'origem' (*coimbrão*), 'profissão' (*tecelão*), etc.; -ão³, com a função de indicar 'ação' ou 'resultado de ação': *arranhão*, *puxão*. A esses três eu acrescentaria, no entanto, um quarto sufixo -ão, -ão⁴, com a função de formar, a partir de verbos, adjetivos ou nomes de agente: *respondão*, *chorão*. Aliás, o *Aurélio*, ao dar entrada aos verbetes *respondão* e *resmungão*, diz que eles são formados com o acréscimo de -ão³ aos verbos *responder* e *resmungar*, respectivamente, esquecendo-se de que no verbete -ão³ ele diz que a função desse sufixo é indicar 'ação' ou 'resultado da ação'. Ora, é muito claro que em *pidão* (do popular *pidir*) ou em *furão* (*defurar* (*fila*)), p. ex. nós temos adjetivos ou nomes de agente, tendo em comum com *escorregão* ou *tropeção*, p. ex., apenas o fato de também serem deverbais. É de destacar aqui também que o *Aurélio*, nos verbetes *fujão*, *cagão* e *mijão*, não diz nada sobre a sua formação ou estrutura, o que é um procedimento no mínimo estranho. Para os vários significados da palavra *mamão* O *Aurélio* dá como estrutura *mama* + -ão⁴, o que é bastante duvidoso.

* FERREIRA, A.B. de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

** Projeto de Estudo de Norma Lingüística Urbana Culta.

Na presente seção vai ocupar-nos o sufixo que acima chamamos de **-ão**¹, isto é, o sufixo com que se formam, a partir de verbos, adjetivos ou substantivos indicativos de agente. Por que esse **-ão** está num estudo sobre a pejoratividade? A chave dá-nos FROTA (1985, p. 14s.): “Neste processo de derivação, **-ão** acumula duas cargas semânticas: além de ser o responsável pelo significado de agente, presente nas formas derivadas, indica a repetição excessiva, abusiva da ação expressa pelo radical verbal”. E acrescenta: “Este seu segundo significado é o que nos interessa fundamentalmente, pois é nele que está contida a pejoratividade dessas formações agentivas.” Quanto a estarem essas palavras sendo tratadas dentro do capítulo dos adjetivos e não dos substantivos, parece-me ser claro que aquela função, isto é, a de adjunto de sintagma nominal, lhes cabe com mais frequência do que a de núcleo: **um homem mandão, um sujeito entrão**, sendo oportuno destacar aqui que adjetivo e substantivo trocam fácil e frequentemente de função ou posição, entendendo-se **posição** no sentido que lhe é dado na tática futebolística, p. ex. Importante é também destacar que esse modelo de formação de palavras está sujeito à restrição de que o verbo deve conter conotação negativa, isto é, expressar uma ação tida como desagradável. É o que constatamos facilmente em **resmungão**. No caso de outros verbos a negatividade pode estar na dependência do contexto. **Furar**, p. ex., torna-se negativo no contexto ‘**furar fila**’, **entrar**, no contexto ‘**entrar em lugar onde não se é desejado ou esperado**’, sendo os derivados em **-ão** com esses verbos, conseqüentemente, negativos. Resumindo pode-se dizer que a base, o verbo, entra com a expressão de uma ação tida como desagradável e **-ão** indica a repetição da ação desagradável por um agente. Base e sufixo somam-se, portanto, para a expressão da pejoratividade. Outros exemplos seriam: **babão, pedinchão, trapalhão**, com aferese do **a-** de **atrapalhar, estranhão, lambuzão**, todos do **Aurélio, reclamão** (Folha, 10-7-88, A-13) e **filão** ‘useiro e vezeiro em **filar**’ ‘**pedir**’, formado por **mim**. Mais exemplos podem ser encontrados em FROTA (ib.) ou em dicionários inversos. Concluindo chamaria a atenção para **mergulhão**, nome dado a aves que têm o hábito de mergulhar. O **Aurélio** dá como base o substantivo **mergulho** e diz que **mergulhão** é o aumentativo de **mergulho**. Apesar de **mergulhão** não ter sentido depreciativo, prefiro dizer que é um deverbal.

3.1.2 -eiro

Damos como exemplos de adjetivos pejorativos novos em **-eiro nacionalisteiro** (“**Foi uma tentativa xenófoba e nacio-**

nalisteira a de disfarçar o Plano Cruzado.” (Gazeta, 25-02-85, 51)), *, patrioteiro (Gazeta, 25-02-87, 51: o texto falava em

* GAZETA DO POVO.

retórica patrioteira), retranqueiro (Folha, 27-06-89, D-1: o texto fala em técnicos de futebol retranqueiros). Retranqueiro tem uma base — retranca no futebol — negativa. Poderíamos, por isso, pensar que a pejoratividade está na base e não no sufixo -eiro, do que nos dissuadem, no entanto, as formações nacionalisteiro e patrioteiro, cuja pejoratividade está fortemente dependente do contexto, sendo que o caráter negativo do sufixo confirma a negatividade contextual das bases patriota e nacionalista.

3.1.3 -ento

Com -ento formam-se adjetivos depreciativos a partir de substantivos de conteúdo negativo: **caspento** e **molambento**, ambos do **Aurélio**. Que a base deve ser negativa foi provado em teste (v. SANDMANN, 1988, p. 101ss.), em que quase todos os testandos rejeitaram formações como ***roupento** e ***florento**, cujas bases **roupa** e **flor** não são negativas, e formações também formadas “ad-hoc”, de base negativa, foram consideradas boas por expressivo número: **farrapento**, **craquento**. Uma formação como **borrachento** (**Aurélio**), usada metaforicamente no contexto **pão borrachento**, p. ex., mostra, por outro lado, que a negatividade não é só da base, senão também do sufixo e que ela está fortemente dependente do contexto.

3.1.4 -esco

Como foi observado em SANDMANN, (1988, p. 44), esse sufixo, ao lado de significados, entre outros, como ‘trágico’, ‘impressionante’ (**dantesco**, **orwellesco**), ‘imaginário’, ‘fantasiado’ (**quixotesco**, **disneyesco**), presta-se à expressão do desapeço: **polícialesco**, **popularesco** e **livresco**, do **Aurélio**, e **caudilhesco**, **peralvilhesco** e **municipalesco**, de SANDMANN, 1989”. A estatística revela, no entanto, que, atualmente, -esco é mais produtivo na formação de derivados depreciativos. De formações novas por mim registradas, apenas **orwellesco** (SANDMANN, 1989, p. 61) tem o sentido de ‘fantástico’, enquanto são negativos, além das três formações acima apresentadas, **ditatorialesco** (Folha, 27-04-89, A-9), **fantochesco** (Folha, 1-8-89, A-3), **patriotesco** (Folha, 17-8-89, E-1), **medievalesco** (Folha, 11-2-89, C-8), **vampiresco** (Folha, 25-2-89, E-2),

carolesco (Folha, 6-12-88, A-3), **cursinhesco** (professor reclamava de ensino cursinhesco) **hollywoodesco** (NURC/SP, Inquérito n.º 333-D2, p. 251). Essa última formação tem, na verdade, um significado que é um misto de 'fantasioso' e 'pomposo' e de 'desapreço'. Se a desconsiderarmos, temos uma relação de uma forma com o sentido de 'fantástico' (**orwellesco**) para dez pejorativas.

3.1.5 -ista

-Ista é um sufixo formador, entre outras funções, de adjetivos/substantivos que indicam 'relação' ou o 'adepto', o 'seguidor' de uma linha política, de uma doutrina ou ideologia e com essa semântica alterna automaticamente com **-ismo**: **salvacionista** (Folha, 5-7-89, A-2) — **salvacionismo**, **populista** — **populismo**, os dois últimos do Aurélio. Apesar de as bases de **populista** e **salvacionista** não serem negativas, os derivados são depreciativos bem como os correspondentes com **-ismo**. Mesmo assim não se há de atribuir essa carga negativa aos sufixos. São antes fatores culturais ou contextuais que dão oportunidade a essa leitura. Vejamos a propósito a citação seguinte: 'A Folha permite que eles tomem um caminho que pode ser tremendamente perigoso para o país, se tivermos um presidente comunista, socialista, marxista ou qualquer 'ista'.' (Folha, 21-8-89, A-3). Em outros contextos, **comunista**, **socialista** e **marxista** são neutros. Note-se o sentido negativo de **ista**, na citação acima, em que está substantivado. Em **catastrofista** (Folha, 27-4-89, B-2), a base negativa contribui, naturalmente, para o sentido depreciativo do todo. Outro termo novo dessa linha de pejorativos é **particularista** (Folha, 38-06-89, A-2): "(...) a colisão com interesses particularistas (...)."

3.1.6 -óide

A respeito desse sufixo observa MATTOSO CÂMARA, (1977, p. 62): "Assim, um sufixo **-óide** (...), associa-se com a idéia de frustração e passa a ter uma tonalidade de comisseração zombateira em **molóide** (...), **zebróide** (...), **caprichóide** (...), **cretinóide**". Creio que essa idéia negativa que **-óide** tem nas sufixações que MATTOSO CÂMARA cita se derivou facilmente da semântica do sufixo erudito **-óide**, formador de termos técnicos como **antropóide** e **metalóide**, em que significa 'semelhante', 'que parece, mas não é'. Em formações como **bestóide**, **fascistóide** (do Aurélio), **cretinóide** e **patifóide** (Folha, 18-2-89, E-10), somam-se a pejoratividade das bases com a do sufixo. Em **ideológóide** (Folha,

8-5-87, 42), **sociologóide** (Folha, 08-05-87, 42), **urbanóide** (Folha, 29-4-89, G-1), **comunistóide** (Folha, 3-06-89, E-10), **infantilóide** (Folha, 2-7-89, d'6), **esquerdóide** (de redação de aluno: "(...) de um programa embasado em clichês esquerdóides e tendenciosos.") e **monetaróide** (Folha, 23-11-88, B-2: "(...) é pecar por excesso de zelo monetaróide.") a pejoratividade é veiculada pelo sufixo, pelo contexto e por aspectos culturais, p. ex. o preconceito diante das doutrinas comunista e de esquerda em geral.

3.1.7 -udo

O sufixo **-udo** une-se preferencialmente a substantivos que designam partes do corpo (humano) grandes (**pezudo**, **orelhudo**) ou a substantivos que indicam características de personalidade (**raçudo**, **sortudo**). É interessante observar com FROTA (1985:24) que "o excesso no tamanho ou quantidade daquilo que é designado pela base — onde exatamente pode-se encontrar a pejoratividade das formações — é determinado pelo sufixo". No caso de **orelhudo** constatamos que a base **orelha** é neutra, sendo que a pejoratividade é expressa pelo sufixo **-udo**, mas dependentemente de fatores culturais ou estéticos: **orelha grande** — **orelha grande demais**. Essa pejoratividade pode ser constatada normalmente em adjetivos derivados de substantivos que designam partes do corpo. Já em adjetivos que designam traços morais ou da personalidade (**peitudo** 'corajoso', **classudo** 'que tem muita classe') predomina o sentido positivo. É esse também o caso da formação **tesudo** (← **tesão** + **-udo**), dicionarizada em seu sentido literal, mas não no sentido metafórico, atual, 'pessoa de muita vontade, garra, determinação', em que foi empregada na revista **Capricho** n.º 643, 03.1989, 114.

2.2 SUBSTANTIVOS PEJORATIVOS

3.2.1 -ada

Com **-ada** formam-se derivados diversos, sendo que o **Aurélio** contém dois sufixos: **-ada'** e **·ada'**. Este tem a função de indicar 'espécime de plantas': **labiada**. Aquele, a de expressar 'ação' (**freada**), 'resultado de ação enérgica' (**unhada**), 'coleção' (**boiada**), 'golpe' (**facada**), 'produto alimentar' (**goiabada**), 'duração' (**noitada**), 'porção' (**colherada**, **panelada**), 'marca feita com um instrumento' (**pincelada**). Interessamos no presente estudo o sufixo **-ada** que se presta à formação de coletivos: **veadarada**, expressão que ouvi em referência a 'veados, homossexuais', e **jaguarada** 'coletivo de jaguara'

(Aurélio), por mim ouvida em referência a cachorros, e o -ada que significa 'ação', porém não aquele que forma derivados de verbos (freada, chegada), mas de substantivos: cachorrada, ursada, gauchada, esta última, como formada de base neutra, fortemente dependente de contexto.

3.2.2 -agem

São muitos os substantivos com o sufixo -agem, formados a partir de substantivos ou adjetivos que indicam pejoratividade: pilantragem, sacanagem, barbeiragem, picaretagem, etc. De novos registrei cartolagem 'ação de cartola' (Folha, 18-4-89, A-2), trambicagem (Folha, 25-10-89, A-2) e lengalenagem (Folha, 2-9-89, G-4). Quanto a estas últimas formações, note-se que o Aurélio traz lengalenga e lengalengar, trambique e trambicar, sobrando-nos a dúvida se vêm dos substantivos ou dos verbos. Em SANDMANN (1981, p. 34s. e 51) ocorreram malufagem e farofagem, derivados provavelmente de malufar e farofar, cuja pejoratividade é dependente de fatores contextuais, isto é, conforme o contexto ou fatores situacionais/intenção ou postura do emissor, p. ex., são depreciativos ou neutros.

3.2.3 -aria/-eria

-Aria/-eria concorre com os anteriores -ada e -agem para a formação de substantivos depreciativos. Considerando formas como boataria, discursaria (Aurélio) e jecaria (Folha, 17-9-89, d'5: '(...) tudo brilhando, folheado a ouro, como adora a jecaria.'), vemos que -aria/-eria se une tanto a substantivos pejorativos como a neutros. A pejoratividade pode, portanto, como no caso de discursaria, estar na dependência de fatores contextuais.

-ão/-inho

Pode-se afirmar sem receio que os sufixos de aumentativo e diminutivo -ão e -inho se prestam hoje mais à expressão do apreço e desapeço — contêm, portanto, elementos de emocionalidade — do que à expressão neutra do tamanho grande ou pequeno. Para a expressão do tamanho grande ou pequeno está-se recorrendo, em contrapartida, aos prefixos mini- (miniditadura (Folha, 25-10-89, A-2)), multi- (multicraque (Folha, 5-489, D-1)), maxi- (maxidesvalorização), micro- (microcandidato (Folha, 17-10-89, B-1)), macro (macroassalto (SANDMANN, 1989, p. 22)), ultra- (ultraliberal (Folha, 17-10-89, A-2)), super- (superinflação (Folha, 18-10-89, C-2)),

hiper- (hipermercado), **mega-** (megavento (Folha, 8-10-89, d'4)), etc. Comparem-se, a propósito, formações como **empresazinha** e **empresariozinho** com **microempresa** e **microempresário** e **miniconferência** com **conferenciuzinha**. Salta aos olhos o fácil envolvimento emocional, depreciativo, das sufixações, o que não se dá com as prefixações, usadas preferencialmente em textos técnicos. Como **-ão** e **-inho** se unem a bases neutras e o resultado pode ser positivo ou negativo, conclui-se que a pejoratividade depende de fatores contextuais ou situacionais. Exemplo que ilustra bem o que acaba de ser dito encontramos na **Folha**, 3-7-89, D-4, em que um torcedor corintiano, inconformado, exalta o seu time, que perdeu, e rebaixa o do adversário (o São Paulo Futebol Clube), que ganhou: 'Não dá para entender como esse timinho eliminou o meu Timão (sic).' Após a derrota da seleção brasileira de futebol por 4 x 0 para a Dinamarca, um comentarista (**Folha**, 20-06-89, A-2) referiu-se à nossa seleção chamando-a de **seleçãozinha** e falando no **futebolzinho** praticado por ela. Exemplos de pejoratividade do NURC são **roupão** (SP 62-D2, p. 62), 'roupa grossa demais para o clima', **panelinha** (SP 360-D2, p. 162), **rapaziadinha** (SP 396-D2, p. 219) e **coitadinha** (SP 343-D2, p. 27). Com **-ão** e **-inho** comparem-se os sufixos de diminutivo **-eco** e **-elho**, que são preferencialmente depreciativos: **grupe-lho**, **literatelho**, **padreco**, **livreco** e **jornaleco**, todos do Aurélio.

3.2.5 -ção

Se considerarmos formações bem recentes como **fragilização** (**Folha**, 25-10-89, A-2) e **aterrorização** (**Folha**, 22-10-89, A-2), podemos concluir facilmente que **-ção** é um sufixo que forma substantivos-nomes de ação a partir de verbos e que ele não tem sempre carga semântica depreciativa. Se assim não fosse, não poderíamos ter as formações acima, neutras. Considerando formações depreciativas como **perguntação** (uma mãe de menino de 4 anos disse que ele estava na idade da perguntação), **forçação** (de barra) (Grande Otello em programa de Chico Anísio), **rasgação** (de seda) (colhido de fala de colegas), etc., podemos concluir que a pejoratividade pode estar na base (**forçar a barra**, **rasgar seda**) ou depender do contexto ou da situação (**perguntar + ação** → **perguntação** 'ato de perguntar demais'). Em **beijocação** (**Folha**, 6-4-89, E-14); Paulo Francis comenta a troca de beijos entre Fidel Castro e Gorbatchev), por sua vez, a base é positiva, mas o produto é negativo, donde se conclui que **-ção** tem às vezes carga negativa. Teríamos, pois, a rigor, dois **-ção**, o neutro de **fragilização** e o negativo de **beijocação**, o que, mesmo assim,

não me parece autorizar a admissão de homonímia e a decisão lexicográfica de admitir dois verbetes: **-ão**¹ e **-ão**².

3.2.6 **-eira**

Diversas são as acepções do sufixo **-eira**, sendo que nos interessa aqui a que acrescenta à base a idéia de intensidade: **trabalheira** (Aurélio e NURC, SP 360-D2, p. 216), **roubalheira** (Aurélio) e **pacoteira** (Folha, 18-1-89, A-3: "(...) a **pacoteira do Planalto tenta recuperar a iniciativa política.**"). Não resta dúvida que essas palavras complexas contêm pejoratividade. Mais difícil é saber se essa pejoratividade provém apenas das bases ou se o sufixo contribui com carga negativa. **Roubo** é sempre negativo, enquanto **trabalho** e **pacote** (econômico) ficam na dependência de outros fatores. Um corpus mais numeroso possivelmente trouxesse mais luzes para a questão que se colocou e não elucidou suficientemente.

3.2.7 **-eiro**

Formações novas como **sindicalheiro** (Folha, 4-3-88, A-3: "(...) **sindicalheiros pré-históricos e burocratas universitários.**"), **ecologeiro** (Folha, 25-02-89, B-2): no texto se critica a pressão estrangeira sobre a conservação da Amazônia), **apiteiro** (de repórter da TV Paranaense — Canal 12, que se referia ao mau juiz de futebol), **freezeira** (Gazeta, 4-6-89, Caderno Viver Bem, p. 22), e mais antigas como **arteiro** (Aurélio), **barbeiro** (Aurélio) fazem-nos pensar que existem, a rigor, mais variantes do sufixo **-eiro** que indica 'agente'. Em **freezeira** e **barbeiro** temos um agente que executa regularmente uma atividade ou profissão e não há conotação de despreço. Em **sindicalheiro** e **ecologeiro** temos o falso profissional, aquele que é "metido" a exercer uma atividade, e o sentido depreciativo. Em **arteiro**, por sua vez, a base é negativa: **arte** = **travessura**. Em **apiteiro**, por fim, formado por **apito** + **-eiro**, vê-se claramente o sentido pejorativo que **-eiro** também pode expressar. Se observarmos, agora, que ao lado de **ecologeiro**, **sindicalheiro** e **arteiro** temos, respectivamente, **ecologista**, **sindicalista** e **artista**, podemos concluir que a pejoratividade daquelas formações está contida no sufixo ou em aspectos contextuais. Quanto à origem da pejoratividade de **-eiro** em certas formações ouçamos FROTA (1958, p. 31): "(...) as atividades que em nossa cultura são consideradas de maior prestígio são designadas por **agentivos em -ista**, enquanto os ofícios de menor prestígio sócio-cultural ou mesmo marginalizados seriam expressos por **agentivos em -eiro.**" Exemplos de FROTA (ib. p. 32): **violeiro** - **violonista**.

3.2.8 -ice

Este sufixo é, hoje, o protótipo do que seja um morfema depreciativo. A forma latina de que provém (-icie: planície, calvície) é hoje improdutiva. Por outro lado -ice não tinha sentido depreciativo em formações mais antigas como velhice, meninice, meiguice. Em SANDMANN (1988, p. 104s.) foi mostrado que -ice hoje só se une a bases depreciativas, tanto que formações "ad-hoc" como legalice e juvenice, de bases positivas, foram rejeitadas ou julgadas estranhas por 21 dos 22 testandos. Sobre o como um sufixo adquire sentido depreciativo é esclarecedor o testemunho de MATTOSO CÂMARA (1977, p. 601):

Há para assinalar a mais que a expressividade, comum a um grupo de vocábulos, da mesma configuração mórfica, contamina o elemento típico formador. Tem-se assim uma tonalidade afetiva para os sufixos considerados em si mesmos, a qual não raro os distingue melhor do que as significações que a eles se prendem. (...) Assim se destacam em nosso espírito certos sufixos como poderosos centros de carga afetiva, e o seu conteúdo é quase só nisso que se resume. (...) Essa vacuidade nocional facilita o fenômeno da saturação afetiva, e faz de muitos sufixos portugueses uma série de vigorosos elementos estilísticos. Haja vista o sufixo -ice, que 'revela em geral forte afinidade eletiva por adjetivos que exprimem vícios ou defeitos pessoais' (XLVII-7), e envolve a informação em repugnância e desprezo, por meio de vocábulos dos mais 'carregados', como modernice, bacharellice, gramatiquice.

Que -ice é hoje bastante produtivo mostram os exemplos recentes colhidos em jornais ou outras situações: *intervençionice* e *burocraticice* (Folha, 8-9-87, A-10): "Nos últimos anos, a regulamentite aguda e a *intervençionice* prepotente deram de afugentar o investimento em pesquisa, produção e emprego. A *burocraticice* desestruturou a economia.", *mornice* (Folha, 22-12-87, A-2), *coiozice* (formação minha), *craquice* (Folha 11-02-88, A-48), *mesquitice* (Folha, 3-3-88, A-3: matéria-paga contra Júlio de Mesquita Filho), *lerdice* (de aluno), *androgínice* (Folha, 26-1-89, E-12), *petice* (de PT, ouvida em conversa), *solteirice* (Folha, 4-3-89, E-2), *peemedebices* (Folha, 06-05-89, A-2), *marretice* (ouvida em conversa), *canhestrice* (Folha, 4-5-89, A-3), *candidatice* (Folha, 6-5-89, A-2); do título:

“Candidaturas e Candidatices”), **pequeno-burguesice** (Folha, 3-6-89, E-10); **sapatonice** (de sapatão ‘lésbica’; contribuição de colega que ouviu essa formação de jovem); **moreirices** (Folha, 30-8-89, A-2; de Moreira Franco, Governador do Rio de Janeiro), **breguice** (Folha, 28-12-88, A-2). Formações como **peemedebices** e **mesquitice** mostram que a carga negativa da base pode não ser um fato da língua, um fato geral, mas depender do emissor ou do contexto. É estranha, por outro lado, uma formação como **morenice** (Folha, 17-2-89, E-2: “Sempre pronta para um agito, Márcia Braga desfilou sua morenice jambo (. . .).”), que não tem intenção depreciativa. Em SANDMANN (1989, p. 49) fala-se da formação nova **moreneza** (“a moreneza do socialismo de Brizola”), que não é pejorativa e talvez ficasse melhor no texto citado acima. Do NURC temos as formações **baianice** (SP D2-333, p. 236), **mori-bundice** (SP D2-333, p. 245), **cafonice** (SP D2-333, p. 250), que também está no Aurélio.

3.2.9 -ismo

A expressão da pejoratividade em palavras formadas com o sufixo **-ismo** foi abordada com certa amplitude no início do capítulo 2 do presente estudo, para o qual remetemos inicialmente o leitor. Ao que foi dito lá acrescentaríamos que **-ismo** se mostra extraordinariamente produtivo, hoje, nessa função de expressar a pejoratividade. Até quando empregado isoladamente como substantivo **ismo** expressa desapareço. Um orador sacro dizia outro dia: Precisamos abster-nos do egoísmo, do egocentrismo e de outros ismos (transcrição não literal). Observe-se que na seção 3.1.5, acima, tivemos também exemplo de uso negativo de *ista* substantivado.

Antes de apresentar relação de formações novas, destacamos mais uma vez que a pejoratividade das formações em **-ismo** não advém de um sentido intrinsecamente negativo de **-ismo**, como acontece com **-ice** e **-ento**, p. ex. É o contexto ou são fatores culturais que são responsáveis pela negatividade dessas formações. Palavras novas: **produtivismo** (Folha, 22-04-89, A-2; a pejoratividade está no excesso de valorização da produtividade científica do professor universitário); **adultismo** (Folha, 6-5-89, G-3; o texto fala do excesso de imposições dos adultos na educação dos jovens, cerceamento de liberdade, etc.); **marajaismo** (Folha, 14-11-88, A-2); **fiquismo** (Folha, 14-6-89, A-3; a formação ironiza o empenho do Presidente Sarney em ficar cinco anos na Presidência; h; referência ao fato histórico do Dia do Fico); **emocionalismo** (Folha, 18-08-89, A-2; a emoção e não a razão no comando das deci-

sões políticas); **gangsterismo** (Folha, 24-03-89, A-2); **raposismo** (Folha, 7-4-89, A-6; o texto tem como tema o raposismo político); **coronelismo** (Folha, 8-4-89, A-3; há referência aos coronéis da política); **cambismo** e **estoquismo** (Folha, 5-2-89, A-3; ambos os termos criticam o excesso); **achismo** (Folha, 5-2-89, C-6); **grevismo** (Folha, 22-10-89, A-2); **clubismo** (Folha, 23-2-89, A-2; a política feita um clube de troca de interesses); **murismo** (Folha, 1-3-89, A-2; a referência é à atitude de politicamente ficar "em cima do muro"); **progressismo** (Folha, 28-01-89, A-4; de discurso de Ronaldo Caiado: "Pretendo unir as forças da 'livre iniciativa' rurais e urbanas (...) com o 'progressismo' de Covas, Brizola e Lula."); **mundancismo** (Folha, 29-11-88, B-2). Talvez seja desnecessário chamar a atenção para o fato de que a maior parte dos substantivos em -ismo pejorativos é da área da política. Não parece, aliás, inoportuno transcrever a estatística feita em SANDMANN (1988, p. 46) a respeito de palavras derivadas de político e política: "Uma simples soma das palavras depreciativas para política e político, arroladas pelos diferentes léxicos para as várias línguas, nos dá o seguinte quadro (...): português: 30; espanhol: 9; francês: 7; italiano: 6; inglês: 5; alemão: 1."

3.2.10 -ite, -oma, -ose

As formações com esses três sufixos foram reunidas numa só seção, porque são tradicionalmente morfemas de origem grega formadores de nomes técnicos, especificamente médicos, indicadores de estados patológicos: **gastrite**, **fibroma**, **escabiose**. É, aliás, dessa função ou semântica da linguagem técnica que se deriva a pejoratividade das formações que não são do campo da medicina. É particularmente -ite que tem mostrado razoável produtividade: **governite** (*Jornal do Brasil*, 18-12-84, Caderno A, p. 6; **governite** é a excessiva presença do governo na vida do cidadão); **tecnocrate** (*Jornal do Brasil*, 20-12-84, Caderno A, p. 10; **tecnocrate** é o excesso de tecnocracia); **regulamentite** (Folha, 8-9-87, A-10; **regulamentite** é o exagero de regulamentos); **wagnerite** (Folha, 27-5-89, E-1; **wagnerite** é o cultivo em demasia da música de Richard Wagner); **frescurite** (de aluno); **collorite** e **cruzadite** (Folha, 25-06-89, A-3: "Pelas pesquisas até agora realizadas, somente as populações de três estados brasileiros ainda estão imunes contra a 'collorite', a mais grave epidemia que assola este país desde a 'cruzadite'"). A essas formas acrescentaria **preguicite**, por mim ouvida há mais tempo e já diversas vezes, e **paixonite**, registrada no *Aurélio*, e que dão testemunho de que o modelo é de produtividade não tão recente. Com -oma há a registrar **sarneyoma** (Folha, 23-10-87, A-2) e com

-ose, sinistrose (Folha, 8-9-87, A-2) e **poliesculhambose** (generalizada), por mim lida em jornal e de que por lapso não anotei a fonte. Aliás, nessa última formação o autor expressou três vezes o excesso: com o prefixo **poli-**, com o sufixo **-ose** e com o adjetivo **generalizada**.

4 CRUZAMENTOS VOCABULARES PEJORATIVOS

MARCHAND (1969, p. 356) chama o cruzamento vocabular de "word-manufacturing" e, a meu ver, com muita propriedade. Na derivação, principalmente, temos como que "fabricação em série" e segundo modelos estabelecidos: adjetivo + **ice** → substantivo (**brega** + **-ice** → **breguice**), substantivo + **-ento** → adjetivo (**falcatrua** + **-ento** → **falcatruento**). Observe-se que tanto em **brega** como em **falcatrua** a vogal final átona é suprimida diante do sufixo. Além disso as bases têm sentido negativo, conseqüentemente também o produto é depreciativo. Na composição os elementos que formam a nova palavra são elementos livres da língua e eles entram inteiros na composição resultante: **trem** + **bala** → **trem-bala**, **tomate** + **cultura** → **tomaticultura**, com adaptação do final de **tomate**. No cruzamento vocabular não há essa regularidade. Suprime-se parte de um ou de ambos os elementos que vão formar a palavra complexa, e o que se vai suprimir depende do capricho, por assim dizer, do autor, sendo, é claro, condição que a estrutura silábica do português seja respeitada. De **pesquisa** + **cópia**, p. ex., se fez **pescópia**, expressão irônica para "pesquisas" escolares, com **pes** substituindo **pesquisa** e a palavra **cópia** entrando inteira. Em **democracia**, tanto **democracia** como **ditadura** sofreram eliminação de partes. Observe-se que a parte eliminada e a parte que permanece não são em geral ou necessariamente morfemas constituintes da palavra abreviada. É claro que esse é um processo muito criativo e normalmente produz palavras muito expressivas e carregadas de emocionalidade. Algumas formações novas depreciativas: **esquerdalha** (Folha, 7-8-89, A-1: de **esquerda** + **canalha** ou **politicalha?**); **marajanóia** (Folha, 29-5-89, A-3: de **marajá** + **paranóia**); **uisquerda** (Folha, 2-2-89, B-2: "Uma certa uisquerda ainda não descobriu Friedrich Engels (. . .)."); **Ilhama** (Folha, 18-06-89, A-3: "Está para surgir no Brasil, mais precisamente no Planalto Central, um fenômeno físico chamado 'Ilhama', que é um monte de lama cercado por um fosso ou espelho d'água por todos os lados."); **brizordeiro** (Folha, 19-08-89, A-7: de **Brizola** + **desordeiro**); **collorupto** (de cartaz de estudantes convidando para debate da Frente Brasil Popular); **malufício** (O Globo, 16-03-89, Segundo Caderno, p. 3); **bordela** (Folha, 18-04-89, A-3): de

bordel + novela); grupúsculo (Folha, 21-4-89, A-10; de grupo + minúsculo; esta formação não é considerada derivação, porque o sufixo -ulo, variantes -culo, -úsculo e -únculo, não é mais produtivo); politicanalha e esquerdofrênico (Folha, 08-5-87, p. 42).

Repetimos que essas formações não são formações regulares, produtos em série como que de uma linha de montagem. São manufaturas de palavras, como disse MARCHAND. É claro que o destino ou a vida dessas palavras no seio de uma comunidade lingüística é também incerto, efêmero em geral, não passando, provavelmente, do momento ou do contexto para o qual foram criadas. São, como diz o alemão, "Eintagsfliegen", isto é, moscas de um dia de vida. Participam, por outro lado, da natureza da criação literária, da metáfora que um artista cria, única e restrita a um texto específico.

5 CONCLUSÃO

Algumas conclusões vêm imediatamente quando se é posto diante de tantas formações de palavras de conteúdo pejorativo. A primeira talvez seja a de que o português é uma língua muito rica em recursos morfológicos para a expressão da pejoratividade. Outra conclusão é a de que, na formação de palavras, o aspecto semântico é tão ou mais importante que o aspecto sintático, a saber, a mudança da classe da palavra mediante o acréscimo de sufixo. E nesse aspecto semântico se inclui o que BASILIO (1987, p. 74) chama de "função de atitude subjetiva": "Encontramos casos, no entanto, de utilização de processo de derivação com função exclusivamente de indicar a atitude subjetiva." E lá mesmo: "A pejoratividade é, naturalmente, o caso por excelência da expressão da atitude subjetiva em relação ao enunciado (...)."

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 BASÍLIO, M. Teoria lexical. São Paulo: Ática, 1987.
- 2 FROTA, M.P. A Expressão do pejorativo em construções morfológicas. Tese de Mestrado, 1985.
- 3 MARCHAND, H. The categories and types of present-day English word-formation. München Bek'sche Verlagsbuchhandlung, 1969.
- 4 MATTOSO CÂMARA JR., J. Contribuição à estilística portuguesa. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977.
- 5 SANDMANN, A.J. Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo. Curitiba: Scientia et Labor, 1989.

- 6 ————. **Competência lexical: produtividade, restrições e bloqueio.**
Curitiba, 1988. Tese de concurso para Professor Titular, Universidade Federal do Paraná, 1988.
- 7 ————. **Produtividade no léxico político do português do Brasil.**
In: D.E.L.T.A. vol. 4, n.º 1, p. 41-57. 1988.